



Presídios e reformatórios

Com a aproximação do novo e pernicioso pleito eleitoral, coincidência ou não, os assaltos, especificamente aos caixas eletrônicos, se acen-tuam e, o mais lamentável, expõe a vida de trabalhado-res inocentes e decentes, que ainda se arriscam à comba-ter os bem armados criminosos; já há bastantes evidên-cias policiais que afirmam ser a maioria dos meliantes, egressa e também senten-ciada do inoperante sistema prisional.

A ideia de reformatórios para abrigar pessoas que co-metem crimes, infelizmente, só existe na teoria, pois, na prática, tem sido transforma-da, graças à corrupção e, às vezes, à incompetência dos aparelhos estatais; ulti-mamente essas instituições têm se transformado em verdadeiras escolas prepa-ratórias para os crimes mais hediondos.

Francamente, não conse-guimos entender o porquê, após a falha inicial da pre-venção, das nossas autorida-des ainda não conseguirem compreender as repercussões de uma casa de detenção sem nenhuma noção de reforma-tório.

Para se ter uma ideia mais clara do absurdo, o Esta-do Nação, através do con-tribuinte, gasta, cerca de R\$40.000,00 por ano, com cada preso nos presídios fe-derais do país; em contra partida, investe, aproxima-

damente, R\$15.000,00 com cada aluno do curso superior. Um verdadeiro absurdo!

Nos presídios estaduais, o descalabro é ainda maior: cada preso do sistema esta-dual custa R\$21.000,00 por ano, enquanto o gasto com cada aluno do ensino mé-dio é de apenas R\$2.300,00 – aproximadamente, 9 ve-zes menor. Esses são dados aterradores e que, também, explicam a nossa precária situação de vida social e hu-mana.

Há poucos dias, uma equi-pe de televisão ousou nos mostrar o inferno que é um presídio, e, ficamos abisma-dos com tudo que vimos – um verdadeiro depósito de seres humanos amontoados – a maioria, já vítima anterior de crimes semelhantes aos cometidos por eles.

Na verdade, quando os criminosos “sem colarinho” cometem um delito e são con-denados por isso, o Estado os mandam para um suposto reformatório, e, ainda, lhes dão o nome de reeducandos; mais tarde, quando, de uma forma ou de outra, eles ganham as liberdades e, tor-nam à delinquir, voltam ain-da mais revoltados àquele suposto lugar para onde nun-ca foram verdadeiramente enviados antes da nova de-tenção – o reformatório. Os desdobramentos de tudo isso já são conhecidos e terríveis.

Recentemente, observa-mos, também, perplexos, a

questão das proximidades dos presídios de Maceió e Arapiraca, com os campus da UFAL. No caso de Maceió, a vizinhança já é bastante antiga, mas, só agora com a implosão do arcaico sistema prisional, está mostrando as consequências. Já foi até con-dicionada a saída de um para que o outro permanecesse no seu local.

Na semana passada as au-las do campus de Arapiraca foram suspensas e os estu-dantes realizaram diversos protestos, até interditando uma rua próxima ao palácio do governo em Maceió.

Mas, será que, se os pre-sídios fossem reformató-rios de verdade, tudo isso estaria acontecendo? E, se a Universidade cumprisse, genuinamente, o seu papel extensionista, não poderia conviver, humanamente, com os reeducandos e ajudá-los nas suas socializações? Acreditamos que dentro dos presídios também existam pessoas ávidas por transforma-ções em suas vidas e, com o precioso auxílio da Univer-sidade, esse desejo seria faci-litado.

Temos a convicção, que lá, também, existem pessoas irrecuperáveis! Essas, inde-pendente de condição social, deveriam ser mandadas para os presídios federais e, atra-vés do trabalho dentro do sis-tema, retornariam ao erário, os investimentos realizados pelos contribuintes.